



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

HISTÓRIA E LITERATURA NAS PÁGINAS DA *GAZETA LITTERARIA*

Daniela Magalhães da Silveira*

Os primeiros jornais e revistas brasileiros só começaram a ser impressos em nossas plagas depois da instalação da família real na Corte. Depois disso, ao longo do século XIX, houve uma corrida de editores e escritores para que a circulação das letras nacionais se tornasse realidade e que fosse cada vez mais ampliada. Para tanto, vários periódicos foram criados, cada título com a tentativa de alcançar um perfil específico de leitores. Algumas folhas, aliás, informavam atender aos interesses de toda a população. Assim, uma enorme variedade de periódicos foram publicados ainda no século XIX brasileiro. Alguns deles não conseguiram promover a circulação de mais do que cinco números, outros parecem ter caído no gosto popular e permaneceram ativos e com periodicidade regular por mais de uma década. Um nome frequente naquela imprensa, especialmente aquela publicada na segunda metade do século XIX, foi o de Machado de Assis. Desse modo, a maior parte de suas histórias (sejam contos, crônicas ou romances) ganhou uma primeira versão em algum jornal ou revista fluminense. Machado de Assis participou tanto de revistas de moda e literatura, confeccionadas tendo em vista o público feminino, como de revistas mais sisudas e outras que se aproveitavam abertamente do chiste e da mensagem com duplo significado. Este artigo

1

* Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em História Social da Cultura pela Universidade Estadual de Campinas.

divide-se em duas partes: em primeiro lugar, farei uma apresentação da *Gazeta Litteraria*, e, em seguida, mostrarei como se deu a participação de Machado de Assis em suas colunas. Sendo assim, enfatizarei a importância de se estudar a literatura por meio de seu suporte original de publicação, buscando as interlocuções entre o literato em questão e os outros colaboradores do periódico.

A *Gazeta Litteraria – publicação quinzenal* começou a ser publicada no dia 1º de outubro de 1883 e teve seu último número lançado em 31 de dezembro de 1884. Completou, com isso, um total de 24 números publicados. Segundo informação contida em sua página de abertura, contava com a direção de Teixeira Mello e Vale Cabral, sua assinatura e venda realizava-se à Rua do Ouvidor, número 74, na Livraria de Faro e Lino, no Rio de Janeiro. Além disso, ainda informava que o trimestre custava, para a Corte, 1\$000, e, para as províncias, 1\$200. O número avulso era vendido a 200 réis. Em seguida a uma espécie de cabeçalho, que se repetiu em todos os números, aparecia algo muito semelhante a uma propaganda ou mesmo uma resenha dos *Cantos Tropicais*, poesias de Theophilo Dias. Em seguida, nas páginas dois e três, iniciavam-se, de fato, os anúncios. Primeiro apareceu o do *Atlas des Maladies de la Peau*, pelo Dr. Silva Araujo – professor de clínica de moléstias sifilíticas e da pele na Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Este custava 5\$000 cada fascículo e poderia se encontrado “em todas as livrarias”. Depois foi a vez da própria Livraria Contemporânea de Faro & Lino, responsável pela publicação do periódico. Apareceram também anúncios de *O Manual do Examinador de Português* e da Livraria Portuguesa. Somente à página quatro podemos encontrar a apresentação e os primeiros artigos da *Gazeta Litteraria*. Nessa apresentação ou artigo que iniciava o primeiro número do periódico, o público era informado de que a *Gazeta Litteraria* se ocuparia com “as boas letras, órfãs presentemente de um órgão puramente seu na imprensa local”. Por isso, seriam publicados artigos de “Crítica literária, alguns inéditos de verdadeira importância para a história pátria, pequenos romances e contos originais, impressões de viagem, poesias seletas e artigos científicos e literários de interesse real para o país”. A partir disso, podemos perceber que esse empreendimento seguia os mesmo passos de outros anteriormente lançados e que pouco sucesso haviam alcançado. Um bom exemplo comparativo pode ser explicitado a partir de outra revista, intitulada *A Epocha*. Esta havia sido editada por Joaquim Nabuco, em 1875, e também contou com a colaboração

de Machado de Assis, além do próprio editor. Em seu número de abertura, havia a seguinte informação, muito semelhante com aquela que apareceu na *Gazeta Litteraria*:

Se as nossas esperanças forem realizadas, sendo bem acolhida a presente tentativa, a *Epocha* poderá talvez um dia preencher uma lacuna sensível de nossa imprensa, a de uma publicação destinada a apresentar, sob uma forma ligeira, uma opinião refletida sobre as diversas questões artísticas, literárias e políticas, que mais interessam ao nosso tempo, e a servir de órgão àquela parte de nossa população, que se chama em um sentido restrito – a sociedade brasileira¹.

Interessante observar, no entanto, que esse título contou com apenas quatro números publicados. Portanto, foram recorrentes as tentativas de cobrir essa “lacuna” na imprensa brasileira dos oitocentos, por outro lado, foram também frequentes as frustrações encontradas por editores e colaboradores, que pareciam não contar com a “benevolência” do público. Este deveria interessar-se muito mais por folhas menos pretensiosas, ilustradas e com a publicação de artigos mais variados e de instruções para o dia a dia. Ainda assim, a *Gazeta Litteraria* obteve um sucesso um pouco mais expressivo, recorrendo a número bastante significativo de colaboradores. Dentre esses, podemos citar os nomes de Urbano Duarte, Aluisio Azevedo, Capistrano de Abreu, Machado de Assis, Carlos Jansen, Raul Pompéia e muitos outros. Esses assinaram colunas intituladas “História, Biografia e Documentos Históricos”, “Linguística”, “Crítica Literária” e “Contos e Fantasias”. Logo no primeiro número, começou a publicação de um “Glossário de vocábulos brasileiros”, sob a responsabilidade de Beaurepaire Rohan, e documento referente à tomada de Pernambuco pelos Holandeses, com pequena introdução explicativa de Capistrano de Abreu. Sua “Crônica” tratava das novidades no meio literário, relatando as novas publicações recebidas, as aquisições da Biblioteca Nacional, as obras recentes e as edições reimpressas. Havia também a publicação de contos e de considerações acerca de novos livros. A estrutura dessa revista manteve-se ao longo dos números seguintes, com acréscimo de artigos sobre geografia e biografias diversas. A ideia era oferecer um pouco de História e de Literatura.

¹ *Epocha*. 14 de novembro de 1875.

Alguns anos depois do desaparecimento desse periódico, Lima Barreto escreveu as “Recordações da ‘Gazeta Literária’”². Ali anotou a ausência de referências a respeito do diretor ou redator-chefe e seu desconhecimento da livraria Lino e Faro. Apesar disso, seus elogios não foram parcos:

O jornalzinho literário era, entretanto, bem feito e curioso. Impresso em bom papel e nas oficinas Leuzinger, muito cuidado na revisão, tinha um aspecto muito simpático e uma leitura variada, de forte cunho intelectual. Colaboravam nele nomes conhecidos, alguns cheios hoje de glória inesquecível, como Capistrano de Abreu, Raul Pompéia, João Ribeiro, Urbano Duarte, Valentim Magalhães, Araripe Junior, e outros que, embora pouco conhecidos do grande público, ainda são, não obstante, muito estimados pelos que se interessam com as etapas do nosso acañado desenvolvimento intelectual.

Continuando suas considerações, o cronista afirmava não possuir todos os números do periódico. Por não ter o primeiro, não conhecia o programa da revista, e por isso também não deveria saber da participação de Machado de Assis. O que mais pareceu chamar atenção de Lima Barreto foi o forte nacionalismo presente no periódico. De fato, a *Gazeta Litteraria* empenhava-se em levar ao conhecimento do público um número extenso de informações acerca da história pátria, da formação do seu povo e da sua língua. Precisamos saber, portanto, em que medida havia distinção entre suas duas principais áreas de interesse. Jefferson Cano, ao trabalhar com as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, mostrou como Machado de Assis aproveitou-se do ambiente de discussão, em torno de concepções distintas de História, para explicar a realidade social em que vivia³. Essa possibilidade continuou a acompanhá-lo nessas novas páginas. A organização de cada número não se preocupava com subdivisões rígidas. Isso deve ter servido como elemento facilitador para o trânsito de seus colaboradores. Seu segundo número – o mesmo no qual apareceu o primeiro conto de Machado de Assis – apresentava-se da seguinte forma: “Esboço histórico da constituição brasileira”, de Alencar Araripe; “Vidros quebrados”, de Machado de Assis; “Limites do Brasil com a Confederação Argentina” e “Biografia de Antônio Castro Alves”, de Teixeira de Mello e a continuação do “Glossário de vocábulos brasileiros”, de Beaurepaire Rohan. Estes

² LIMA, B. “Recordações da ‘Gazeta Literária’”. In: *Toda a crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

³ CANO, J. “Machado de Assis, historiador”. In: CHALHOUB, S. e PEREIRA, L. *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Op. Cit.

artigos formavam a primeira seção, e vinham separados da “Gazeta Colonial”, da “Crônica”, do “Movimento literário”, dos “Avisos” e das “Aquisições”. História e literatura misturavam-se nas mesmas colunas.

Da mesma forma que Machado de Assis utilizava-se das possibilidades de diálogos apresentadas por uma revista de moda e literatura⁴, também se aproveitou daquilo que a aproximação entre História e Literatura lhe oferecia na *Gazeta Litteraria*. Logo de início, o conto “Vidros quebrados” anunciava sobre o que iria tratar: “casamentos são cousas talhadas no céu”. Embora recorresse a um dos temas favoritos das revistas de moda e literatura, essa história apresentava menos graça, com narrador tentando provar sua teoria. A estrutura da escrita assemelhava-se às teorias lançadas pelo cientificismo, sendo que havia até mesmo a figura do orador e a tentativa de se provar a ideia lançada. Para tanto, o orador usava a sua própria experiência e, assim, ocorria também o desenvolvimento da narrativa. Depois desse conto, no número de 1º de dezembro de 1883, foi a vez de “Metafísica das rosas”. Este apareceu em estilo bíblico, com Jardineiro que havia criado homens e mulheres apenas para servir e amar sua maior obra: as “Rosas”. Eram duas histórias curtas, talvez muito mais por opção do próprio literato, do que por exigência da revista, que publicava também histórias divididas em mais de um número. Ambas as narrativas não ganharam o privilégio de compor alguma das coletâneas organizadas por Machado de Assis. Talvez por isso, atualmente, são quase desconhecidas pelo grande público.

Para compreender melhor a participação de Machado de Assis nas páginas da *Gazeta Litteraria*, a composição de “A segunda vida”, que apareceu no número de 15 de janeiro de 1884, parece-nos exemplar. Esse foi o único conto publicado no periódico que fez parte das *Histórias sem data*, coletânea de 1884. Isso talvez seja indício da própria importância oferecida pelo literato a essa história. Com a escrita de “A segunda vida”, Machado de Assis encerrava a sua participação naquele periódico, sem oferecer qualquer justificativa por ter abandonado aquela função⁵. Vejamos, então, como

⁴ SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

⁵ Machado de Assis. “A segunda vida”. In: *Gazeta Litteraria*. 15 de janeiro de 1884. Na página de abertura desse número, havia indicação da publicação do trimestre passado e algumas promessas para os próximos números. Entre essas estava uma “mimosa produção de Machado de Assis” que não foi encontrada em nenhum número.

acontece o desenvolvimento do conto. Em primeiro lugar, é importante frisar que seu autor seguia o modelo das histórias fantásticas, e apresentava um personagem que afirmava já ter morrido e estar vivendo uma segunda vida. O desenrolar da história aparecia muito bem datado, permitindo-nos inserir os acontecimentos pelos quais passavam o país no enredo ficcional apresentado pelo literato. A história era, então, narrada por José Maria que possuía como principal interlocutor um padre, denominado Monsenhor Caldas. José Maria contava que havia morrido no dia 20 de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos, com 68 anos. Isso significa que a sua primeira vida havia transcorrido entre 1792 e 1860, período reconhecido pela historiografia brasileira como de fundamental importância para a formação do Estado brasileiro e consolidação da classe senhorial⁶. O novo nascimento do personagem acontecera no dia 5 de janeiro de 1861. Segundo a narrativa, José Maria havia recebido a chance de viver uma segunda vida, porque quando sua alma chegou ao céu, completava um milheiro e sempre que isso acontecia a pessoa retornava a terra e ainda poderia escolher entre nascer rico ou pobre. O personagem, por sua vez, preferiu nascer experiente, pois a falta dessa característica teria sido o motivo de vários sofrimentos em sua vida anterior. Como sabia antecipadamente tudo o que poderia lhe ocorrer, o personagem teve uma segunda vida pautada pela cautela. Segundo contava ao padre, não poderia se deter muito em suas travessuras de infância, porque

Aí a experiência teve só uma forma instintiva. Mamava pouco; chorava o menos que podia para não apanhar pancada. Comecei a andar tarde, por medo de cair, e daí me ficou uma tal ou qual fraqueza nas pernas. Correr e rolar, trepar nas árvores, saltar paredes, trocar murros, cousas tão úteis, nada disso fiz, por medo de contusão e sangue. Para falar com franqueza, tive uma infância aborrecida, e a escola não o foi menos. Chamavam-me tolo e moleirão. Realmente, eu vivia fugindo de tudo. Creia que durante esse tempo não escorreguei, mas também não corria nunca. Palavra, foi um tempo de aborrecimento; e, comparando as cabeças quebradas de outro tempo com o tédio de hoje, antes as cabeças quebradas⁷.

Depois de crescido, a vida não melhorou. A partir de então evitava os amores e as ceias fartas porque tinha medo das indigestões. Acabou se envolvendo com uma

⁶ MATTOS, I. R. *O tempo saquarema: a formação do estado imperial*. São Paulo: Editora HUCITEC, 2004. 5ª edição

⁷ *Gazeta Litteraria*. 15 de janeiro de 1884.

viúva, mas não queria se casar, pois o amor poderia acabar depressa. Essa existência cheia de senões, por causa das lembranças da primeira vida, parece ter sido ainda menos produtiva. A precisão no que diz respeito às datas escolhidas, por Machado de Assis, permite-nos aventar que, nesse conto, o literato tentava analisar a própria história do Brasil. Mostrava como o país havia, nos anos posteriores à independência, cometido vários erros, porque não possuía experiência como nação autônoma. No entanto, saber por antecipação o desfecho da história não parecia ser suficiente para mudar a sua trajetória. Querer se esconder ou fugir dos acontecimentos latentes parece ter sido a pior opção, segundo a análise proposta por Machado de Assis.

Esse tipo de interpretação para o conto em questão é possível, porque a colaboração de Machado de Assis na imprensa foi pautada por questões levantadas pelo perfil do periódico. Conforme acompanhamos, a *Gazeta Litteraria* possuía como proposta central a abordagem de questões que interessassem tanto a formação da literatura nacional, como também para a construção da História do país. Talvez, para Machado de Assis e outros colaboradores daquela imprensa, o fazer literário não estivesse tão distante da escrita da História Nacional. Constituíam-se, possivelmente, num caminho bastante interessante e mais próximo do grande público. A *Gazeta Litteraria* favorecia esse encontro. Precisamos, por fim, considerar que o grupo de redatores responsável por aquela publicação deveria ser reunir para discutir o próximo número, dividir a mesma mesa em espaços públicos da Corte e, assim, conversar e trocar ideias sobre os seus escritos. A esse respeito não sobraram indícios, apenas a certeza de que não viveram isolados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, S. M. “Panfletos vendidos como *canela*’: anotações em torno do debate político nos anos 1860”. In: CARVALHO, José Murilo de (org.). *Nação e cidadania no império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BARRETO, L. “Recordações ‘da Gazeta Literária’”. In: *Toda a crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

CANO, J. “Machado de Assis, historiador”. In: CHALHOUB, S. & PEREIRA, Leonardo (orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,

MATTOS, I. R. *O tempo saquarema: a formação do estado imperial*. São Paulo: Hucitec, 2004. 5ª edição.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.